
Conversa de Rua – Trans-versal

Christovam Jacques de Chevalier e Sheila da Silveira vieram, a convite do Labeurb, ao *Conversa de Rua* e instalaram, *na ambulância do verso*, seu Trans-Versal. Em suas palavras, Trans-Versal *é a síntese da experiência da década de noventa que assistiu ao reaquecimento da cena poética carioca. A poesia ganha espaço, se alastra pela cidade, adquire novas formas e leituras e se cumpre rompendo o mofo dos armários e corroendo os ranços da existência opaca, apática, burocrática, pelas ruas, praças, bares, cafés, boates, livrarias, escolas e teatros.*

Sheila e Christovam chegaram um dia antes do Rio de Janeiro e foram passear pela noite de Barão Geraldo-Campinas. Lá encontraram Luiz Henrique. Aluno do curso de Letras e Lingüística da Unicamp e *poeta da gaveta* como eles mesmos, na conversa, cunharam este estado. Conversa vai, conversa vem, Luiz Henrique apareceu no *Conversa de Rua* também, no dia seguinte, com um bloquinho na mão que ele tirou da gaveta...

A seção ARTES da presente RUA compõe-se de um pequeno recorte desta ambulância de versos, do TRANS-VERSAL de Christovam e Sheila e do bloquinho, já não mais da gaveta, de Luiz Henrique. Que venham os versos...

Christovam Jacques de Chevalier

Véspera de feriado

É véspera de feriado,
homens caminham pela tarde
promessas
euforia sufocada.

Homens seguem pisando
poças, fezes,
rótulos, rezas,
cédulas rasuradas,
níqueis sem valor,
vales-transporte,
rosto de vereador,
preservativos usados,
filipetas com desconto,
flyers da nova rave
slogans de mães-de-santo:
A PESSOA AMADA EM
3 DIAS!!

É véspera de feriado,
e o coração é asfalto
sujo
gasto
exausto.

Tívoli parque II

Minha vida é um carrossel
repleto de fochos e cores e
cavalos e feras e dumbos e
crianças e fochos e cores e
cavalos e feras e dumbos

tua vida é uma montanha-russa
com quedas bruscas, loopings
variados, vagões que executam
percursos

inúmeros

às cegas.

Poema-grito

Que reverbere pelas paredes,
ricocheteie nos edifícios,
adentre apartamentos,
ensurdeça cada cidadão.
Grito que encubra cada bairro,
ganhe as ruas feito enchente,
entupa esgotos, arraste carros,
boiem os corpos dos ratos.
Poema que ganhe os subúrbios,
 Zona Oeste,
 Baixada.

Antes de grito,
poema afônico.

Auroras

Feito shampoo vagabundo,
 manhãs escorrem
 e ferem
os olhos do poeta.

A de hoje arde
 conjuntivite.

Luiz Henrique

Anti-Horário

Será?
Não sei se estou me fazendo de tonto
Talvez apenas eu não esteja pronto
Pra ver que o mundo corre sempre assim

Virá
Um anjo feio com suas asas tortas
Soprar telhados, me fechar em portas
Pra não deixar mais eu fugir de mim

Então
Verei que ou me viro ao avesso
E perco meus princípios pelo preço
De ser consenso, ser o que não sei

Ou não
E sigo só em meu itinerário
Contrário ao mundo, sigo anti-horário
E em contratempos eu me encontrarei

Banzo (Adeus Curitiba!)

Longe de tudo e até de mim mesmo
O que procuro viajando a esmo?
Sei que não tenho caminho de volta
Então me abstenho de qualquer revolta
Ao meu retorno já não serei eu
E esse colo morno não será mais meu
Em minha prece sussurro socorro
Quem me conhece? Que riscos eu corro?
Só você sabe a dor que abrigo
Venha e acabe de acabar comigo

Vivendo Por Viver

Se faço do nada a minha morada
Não é que não tenha onde ficar
Mas cá não há de se pagar entrada
Noitada, nem mesmo almoço e jantar

Vive-se por viver
Nasce-se pra morrer
E todo sentimento
Entretenimento
Pertences, documentos
E outros excrementos
São deixados na torta
Obscura e pequena porta

Torta porta ferina
Viva a sangrar resina
Entrar corrói de azedo
Embora pior seja sair
E disso não tenho medo
Pois não tenho porque me ir

Se este lugar tão bem me comporta
Não há musa ou deusa que me tire daqui
E se meus bens (e males) larguei em tal porta
Espero morrer assim: despido e feliz

Mais Inutilidades

De que me vale vela que carrego
À noite escura, espantando o breu
De que me vale, se o guia sou eu
E se o cinza de meu olho é cego

Qual é, quem sabe, o valor de um prego?
C'um desses firmei um retrato meu
C'um outro, na cruz, um homem morreu
É o mesmo prego? - me indagam. Não nego

Que é o útil? Desejo saber
Se de coisas úteis vive meu ser
Ou se sou a inutilidade viva

Quem tende à razão que tente entender:
Se eu for um alguém, melhor nem viver
Mas se sou a inutilidade, viva!

As Luas

Pequenas luas no trançado da rua
Como cicatrizes de luz mal fechadas
Camuflam a tristeza da madrugada
E fingem o dia como obra sua

Pequenas noites de janelas escuras
Dormem artistas após suas criações
Durante, acendem idéias e saguões
Que como mais luas na peça figuram

Sheila da Silveira

Jornal

escrevi uma coisa,
queria te mostrar,
desisti...

dei volta inteira
na Lagoa.
na volta,
comprei jornal,
nem li.

é tudo tão pára,
meta, trans-
 versal
nessa vida...

Safo

clara rima
tudo é desejo,
tudo é metonímia.

a parte pelo todo
o beijo pela língua
o cigarro por acender
pelo fogo...

aí, eu não sei
mais nada,
contemporânea,
contaminada,
pelos vícios de linguagem
da madrugada

morro de prazer...

Galeoa

e a lima come
o metal sobressalente

feito gavião da Patagônia
feito avião em mim

aterrisando
num rastro de faíscas

Eu pista.

Turquesa

por sorte
as traças são gentis

eu não lembrava
da tua dureza

e quase já não
importa

apenas lembrei

todo dia

um monte
de lixo na porta

Inês morta

silêncio nas campainhas

toda hora
uma tristeza

um pedaço de mim
arrancado à torquês

Sodoma

O segundo milênio
Começou lógico e pirou

Do gótico ao rock'n roll
Todo milênio pira

E ademais
Toda idade é média
E sem paz

Dulcinéias intangíveis
Moinhos mortais
Nada mais moderno

Pro futuro fica sempre
O quase novo
Eterno estorvo